



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

HADASSA KYS

**INFILTRADO NA KLAN- UMA VISÃO ATRAVÉS DAS
TEORIAS GRUPALÍSTICAS**

JOÃO PESSOA
2022

HADASSA KYS

**INFILTRADO NA KLAN- UMA VISÃO ATRAVÉS DAS TEORIAS
GRUPALÍSTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof. Dra. Ieda Franken

JOÃO PESSOA

2022

HADASSA KYS

**INFILTRADO NA KLAN- UMA VISÃO ATRAVÉS DAS TEORIAS
GRUPALÍSTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba.

RESULTADO: _____**9,00**_____

João Pessoa, 25 de Junho de 2022.

HADASSA KYS

**INFILTRADO NA KLAN- UMA VISÃO ATRAVÉS DAS TEORIAS
GRUPALÍSTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Sandra Sousa

Professora Dra. Marísia Oliveira da Silva

Professora Dra. Ieda Franken – Orientadora

João Pessoa, 25 de junho de 2022.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	05
2.	TEMÁTICA.....	06
2.1	Primeira Fase da KKK – 1865-1870.....	06
2.2	Segunda Fase da KKK – 1915-1930.....	08
2.3	Terceira Fase da KKK – 1940-1965.....	10
2.4	Quarta Fase da KKK – 1970 aos dias atuais.....	11
3.	RESUMO DA OBRA.....	12
4.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
5.	OBJETIVOS.....	16
5.1	Objetivo Geral.....	16
5.2	Objetivo Específico.....	16
6.	METODOLOGIA.....	17
7.	DISCUSSÃO	17
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
9.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

1. INTRODUÇÃO

Em face do cenário atual dos grupos de ódio que vem crescendo atualmente em todo o mundo - desigualdades sociais, manipulação de poder, grupos de organização criminosa e terrorista, xenofobia e racismo - motivou o interesse da autora deste trabalho, em conhecer e refletir o funcionamento e a estrutura de um dos mais conhecidos grupos de ódio dos Estados Unidos da América. A partir da leitura do livro *“Infiltrado na Klan” de Ron Stallworth, (2018)*, objetivou refletir sobre os fenômenos da Klan através das teorias grupais.

As relações interpessoais e a vida grupal estão presentes desde os primórdios do processo civilizatório dos seres humanos, só no último século -1900 - os fenômenos grupais passaram a merecer a devida atenção no estudo do comportamento humano.

As contribuições dos estudos psicanalíticos de Freud explicitamente nos trabalhos Totém e Tabu (1913), Psicologia das massas e Análise do ego (1921), O futuro de uma ilusão (1927) e o Mal-estar na civilização (1930), Freud traz contribuições teóricas sobre a Psicologia das multidões; os grandes grupos artificiais (igreja e exército); os processos identificatórios que vinculam as pessoas e os grupos; as lideranças e as forças que influem na coesão e na desagregação dos grupos.

Segundo Pichon (In Castanho, 2012), a *“história é fundamental para compreender o presente e projetar o futuro”*¹. Conhecer a história é imprescindível, pois, a história é como um ciclo que se repete. Trata das relações que se estabelecem no dia a dia e que tomam forma devido a uma infinidade de elementos dentre os quais os papéis são atribuídos à cultura e a história de um povo, à situação econômica e história pessoal.

Na teoria do funcionamento dos grupos Wilfred Ruprecht Bion (1897/1979) aponta para o fenômeno da mentalidade grupal e faz uma distinção entre o funcionamento mais arcaico dos grupos que chamou de supostos básicos e um funcionamento mais maduro intitulado grupo de trabalho².

Para Kurt Lewin citado por Pasqualini (2021) observamos em seus estudos sua capacidade de explicar as relações intersubjetivas de aparência democrática, aliada à

¹ CASTANHO, P. **Uma Introdução aos Grupos Operativos: Teoria e Técnica**. Vínculo: São Paulo, v. 9, n. 1, p. 47-60, jun. 2012, p.55.

² SAMPAIO, J. R. A **“dinâmica de grupos” de Bion e as organizações de Trabalho**. Belo Horizonte: Psicologia USP, 2002.

centralidade afetiva e ênfase nos processos de comunicação, obnubilando relações de poder e determinações estruturais do processo grupal³.

Estes teóricos acima citados contribuem com conhecimentos sobre os seres humanos ligados ao funcionamento de grupos e acentuam que é impossível ter uma visão lúcida do homem, da sua vida e da sua história sem ter uma visão lúcida também dos grupos humanos com os quais eles interagem. Portanto, muitos problemas sobre a natureza, ou funcionamento, ou sucesso e o fracasso dos grupos humanos precisam ser estudados.

Este trabalho se propõe a utilizar teorias grupálicas de diferentes vertentes para refletir sobre o funcionamento e estrutura do grupo nazista norte americano Ku Klux Klan (KKK) existente há mais de 150 anos naquele país.

2. TEMÁTICA

2.1 História da criação da Ku Klux Klan, primeira fase- 1865-1870

A Ku Klux Klan é um grupo que tem se conservado por mais de 150 anos propagando o mesmo discurso de aversão e de odiosidade. Tendo surgido após a guerra de Secessão ou a Guerra Civil americana que durou dos anos de 1861 até 1865 ela dividiu os Estados Unidos entre norte (Estados da União) e sul (Estados da Confederação). Os estados do Norte e o governo federal defendiam a obrigatoriedade do direito ao voto para toda a população negra e a emancipação dos mesmos, para serem livres e cidadãos. Já os estados do Sul defendiam a continuidade da escravidão e prezavam pela manutenção do poderio do homem branco⁴.

Mas em 1865 os Estados da União vencem a guerra, e em poucos meses se abolia a escravidão em todo o país. Para os quase nove milhões de habitantes dos Estados da Confederação, quatro milhões de escravos agora eram livres e isso era algo inadmissível, eles temiam que os afro-americanos que agora eram livres exigissem sua participação na vida política e reivindicassem seus direitos como cidadãos.

No estado do Tennessee na cidade de Pulaski em 1865 fundaram uma sociedade secreta cujos participantes eram compostos por Confederados veteranos de guerra de origem

³ PASQUALINI, J.C., MARTINS, F.R. e FILHO, A. E. A “Dinâmica de Grupo” de Kurt Lewin: **proposições, contexto e crítica**. Revista Estudos de Psicologia, 2021.

⁴ **Ku Klux Klan**. History. A&E Television Networks, 2009.

escocesa, foi criado e mobilizado uma campanha de violência e terror contra o Progresso da Reconstrução do Pós-Guerra Civil Americana que acontecia paralelamente a esse momento⁵.

O grupo foi oficializado com o nome de Ku Klux Klan⁶ que segundo alguns historiadores as primeiras duas palavras têm origem de uma única palavra grega ‘κύκλος’ que tem o significado de ‘círculo’, eles dividiram a palavra para soar melhor ‘κύ-κλος’ depois adicionaram a palavra ‘Klan’ que se utilizavam muito na Escócia que significa ‘clã’ que é a “*União de pessoas de mesma parentalidade sanguínea, possuidores de algo como ancestral comum, e que representa uma uniformidade sociológica*”⁷.

E por todo o sul dos Estados Unidos continuou surgindo grupos que lutavam pelo mesmo propósito de fazer uma sociedade branca poderosa que domina sobre seus ‘inimigos’ (que no caso eram as pessoas negras). E uma das formas de manter esse poder era impedindo que os afro-americanos não exercessem seus direitos, como o voto, o de ter empregos descentes, o acesso á educação, o acesso às terras e a atenção médica⁸.

Figura 1- Nathan B. F.



Fonte: Google Imagens, 2022.

Os membros da KLAN se autodenominaram justiceiros a que vinha promover a paz, e a justiça, o seu primeiro grande líder foi Nathan Bedford Forrest, chamado de o primeiro grande ‘Mago’ que é uma maneira dos membros se referirem ao líder⁹.

Eles, ‘os cavalheiros’ como se denominavam vestiam-se de lençóis brancos, e reuniam-se na frente dos locais de votação impedindo os negros americanos com agressões, incluso apoiadores brancos que lutavam pelos direitos a igualdade racial também eram mortos por se juntarem à causa. As agressões podiam culminar em mortes se não os acatassem, faziam isto para a continuidade da manutenção e do controle hegemônico da raça branca¹⁰.

Os elementos deste grupo, para além dos assassinatos que realizavam, tinham o prazer em colocar os corpos em locais públicos, pois eram vistos como troféus, uma atração turística,

⁵ _ . **KU KLUX KLAN**. History. A&E Television Networks, 2009.

⁶ **KU KLUX KLAN: Una Historia Americana. Primera Parte 1/2: El Nacimiento del Imperio Invisible.** [S.l.] TV Deutsche Welle. 1 vídeo (55min:04seg). Publicado pelo canal: Antonio Calero.

⁷ Clã. In: **Dicio, Dicionário Online De Português**. Porto: 7graus, 2021.

⁸ **Ku Klux Klan: Una Historia Americana. Primera Parte 1/2: El Nacimiento Del Imperio Invisible.** [S.L.] Tv Deutsche Welle. 1 Vídeo (55min:04seg). Publicado Pelo Canal: Antonio Calero.

⁹ The Editors Of Encyclopaedia Britannica (Reino Unido). **Ku Klux Klan: Hate Organization United States**. Edimburgo: Britannica, P. 2. 1999.

¹⁰ *Ibidem*, 1999.

e, a população vinha ver os mortos nesses locais para tirar fotos e comercializa-las como cartão postal ¹¹.

Mas, em meados dos anos 1870 com o novo presidente Andrew Johnson assumindo uma neutralidade em relação ao grupo KKK, o grupo alcança os seus objetivos implantando a política nacionalista branca de enfrentamento. Haja visto que, todos os libertados tinham medo de votar ou exigir seus direitos, por essa razão a neutralização política foi o suficiente para calar os libertados. Com isto encerra-se a primeira fase da KKK.

“[...] o politicídio dos afro-americanos do Sul apontavam especificamente para os que votavam, e ainda mais para aqueles que trabalhavam em partições públicas eram alvos de seu ódio, e muitas vezes o klan não emitia nenhum aviso, apenas iam e matavam pois sabiam que essas pessoas por trabalharem em cargos públicos eram consideradas líderes pelas suas comunidades”¹².

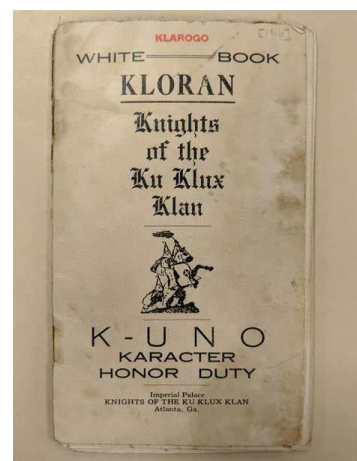
2.2 Segunda Fase -1915 - 1930

A segunda fase deu-se no início do século XX em 1915 no dia de ação de graças, foi o período em que existiu o maior número de membros do clã. Era uma comunidade para a família desde menores aos mais velhos. Foi refundado por William Joseph Simmons auto proclamando-se como o grande mago imperial, formando o Grande Império Invisível.

Ele organizou o grupo internamente com a criação de regras, normas e rituais secretos a serem seguidos pelos membros com o livro ‘Kloran, o livro branco’¹³.

O propulsor para o ressurgimento do clã foi o filme de longa metragem ‘O nascimento de uma nação’ de 1915, onde retrata a Guerra de Secessão e o pós-guerra sendo recontada com uma nova interpretação dos eventos, pela ótica do diretor de cinema D. W. Griffith, sendo uma perspectiva unilateral e fantasiosa dos fatos. Colocando o homem branco e o grupo KKK como ‘salvador’, ‘justiceiros’ que vieram para lutar contra as mazelas cometidas pelos homens de ‘cor’, os inimigos da nação, sendo o primeiro filme assistido na casa Branca¹⁴.

Figura 2- Kloran



Fonte: Indiana State Library, 2022.

¹¹ __. **Ku Klux Klan, Background.** SPLC (Southern Poverty Law Center), c2021.

¹² **Ku Klux Klan: Una Historia Americana. Primera Parte 1/2: El Nacimiento Del Imperio Invisible.** [S.L.] Tv Deutsche Welle. 1 Vídeo (55min: 04seg). Publicado Pelo Canal: Antonio Calero., (11min:54seg).

¹³ Para mais informações sobre o livro Kloran, o livro branco. Disponível na biblioteca Indiana State Library <<https://indianamemory.contentdm.oclc.org/digital/collection/p16066coll69/id/267>>.

¹⁴ **Ku Klux Klan: Una Historia Americana. Primera Parte 1/2: El Nacimiento Del Imperio Invisible.** [S.L.] Tv Deutsche Welle. 1 Vídeo (55min: 04seg). Publicado Pelo Canal: Antonio Calero., (11min:54seg).

No filme vemos a população negra sendo retratada de forma servil, sendo eles rotulados como pessoas que não têm índole, ignorantes, selvagens e brutos. A principal mensagem do filme era fazer com que o homem branco recordasse o seu poder sobre os cidadãos que agora eram livres, o filme ascendeu outra vez os estereótipos e concepções errôneas ao afirmar que a comunidade negra iria matar e estuprar as lindas donzelas brancas e virginais e toda a população branca estava em perigo iminente. Sendo esta a mensagem primária do filme, as mulheres brancas correm perigo! E advém o Ku Klux Klan proteger a virtude das mulheres indefesas¹⁵.

Na década de 20 o clã tinha uma grande influência e autoridade na política e na cultura vigente e como resultado várias leis draconianas foram promulgadas. Uma delas em 1924 foi a lei da antimigração que só foi mudada nos anos 60 que favorecia um sistema de cotas apenas para imigrantes do norte europeu¹⁶, e outra foi o sistema de segregação racial

“A Lei da Integridade Racial, de 1924, do Estado da Virgínia, Estados Unidos, exigia que a classificação racial das pessoas fosse registrada ao nascer e proibia o casamento entre pessoas brancas e não-brancas, exceto com mistura de sangue de branco e dezesseis avos ou menos de sangue de índio americano”.¹⁷

Mas os anos dourados da Klu Klux Klan foi perdendo o seu brilho quando um dos seus maiores líderes e influenciadores Davis C. Stephenson 1925 assassinou, torturou e estuprou Madge Oberholtzer, ela ainda conseguiu relatar sua vivência de abusos através de uma carta e denuncia-lo. Após um mês tentando se recuperar por causa dos severos sofrimentos ela veio a óbito, com isso houve uma grande ruptura de seus membros com o clã, pois o grande lema era proteger as mulheres brancas e um dos seus principais representante agiu contra o que eles pregavam.¹⁸

FIGURA 3- : D.C Stephenson e M. Oberholtzer



Fonte: Google Imagens, 2022.

¹⁵ GRIFFITH, D. W. **O nascimento de uma nação**. Estados Unidos, 1915. 1 vídeo (3horas:10min). Publicado pelo canal: Museu na Web. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qaW7YaOsrAY&t=43s>>.

¹⁶ SILVA, J.C.J. **A História das Políticas Migratórias dos Estados Unidos**. Texto & Debates: Boa Vista, 2013

¹⁷ NAÇÃO MESTIÇA. **Lei racista: Lei da Integridade Racial EUA, 1924**. Traduzido de Virginia Center for Digital History, 2016. Disponível em: <<https://nacaomestica.org/blog4/?p=18128#:~:text=A%20Lei%20da%20Integridade%20Racial%2C%20de%201924%2C%20do,avos%20ou%20menos%20de%20sangue%20de%20C3%ADndio%20americano%20>>.

¹⁸ Declaração de Madge Oberholtzer: LIEBOWITZ, I. **The Dying Declaration of Madge Oberholtzer The key evidence in the 1925 trial Of D. C. Stephenson**. *My Indiana*: Irving Liebowitz. 1964 (PP. 195-203).

Muita corrupção veio à tona e comportamentos divergentes dos quais eles afirmavam como incorretos vieram a público sendo os seus próprios líderes os alvos dos escândalos. Essas descobertas fizeram com que o grupo perdesse credibilidade gerando desconfiança por parte dos seus membros, diminuindo consideravelmente seus apoiadores.

2.3 Terceira Fase da KKK- 1940-1965

A clã voltou a crescer novamente após a Segunda Guerra mundial muitos negros, judeus e católicos se juntaram as forças armadas americanas, agora eles eram heróis de guerra¹⁹. Trazendo as vivências que tiveram na guerra de que eles eram uma só nação, naquele momento estavam lutando contra o fascismo e nazismo, suscitando varias discussões sobre a luta antissemita que eles travaram contra os alemães enquanto que em sua terra natal eles eram tratados com desigualdade.

A nação que deu fim a 2ª Guerra Mundial era exemplo de liberdade, mas ainda resistia no mesmo ponto, a segregação racial. Os negros não tinham acesso ao básico como educação, saúde, transporte, serviços públicos e privados. Eram mão de obra barata, não serviam para postos maiores de emprego porque não tinham oportunidade de crescimento, principalmente nos estados da região sul do país.²⁰

Nessa mesma época os negros começaram a ter acesso à educação e em 1954 uma lei que proibia o acesso a tais ambientes foi promulgada como inconstitucional acerca da participação de pessoas negras em escolas públicas²¹, fazendo com que a clã ressurgisse com total força contra as leis que eram favoráveis aos negros.

E em 1955 a lei sobre segregação em transportes públicos foi revogada²². E em 28 de agosto de 1963 mais de 300 mil pessoas marchavam pela liberdade, pelos direitos civis, foi um momento singular na história. O reverendo Martin Luther King fez o seu famoso discurso *“Eu tenho um sonho onde os meus quatro pequenos filhos no futuro não serão julgados pela cor de sua pele, se não pelo seu caráter”*²³.

¹⁹ **Ku Klux Klan: Una Historia Americana. Primera Parte 1/2: El Nacimiento Del Imperio Invisible.** [S.L.] Tv Deutsche Welle,

²⁰ **La historia del Ku Klux Klan: Segunda Parte 2/2: El resurgir.** [S.L.] TV Deutsche Welle.

²¹ PURDY, S. **Direitos Civis e contracultura nos EUA- Cronologia.** Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas. Disponível em: <<http://antigo.anphlac.org/direitos-civis-eua-cronologia>>.

²² KLEFF, M. **1955: Rosa Parks se recusa a ceder lugar a um branco nos EUA.** Deutsche welle. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1955-rosa-parks-se-recusa-a-ceder-lugar-a-um-branco-nos-eua/a-340929>>.

²³ KING, M.L. **Speech: I have a dream.** 1 video (6min: 52seg). Publicado pelo canal: Fernando Holiday. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yz0TjhINctI>>.

E a resposta a esse grande evento foram o aumento de ataques pela KKK sendo os seus principais alvos os defensores pelos direitos civis, houve vários assassinatos onde dezenas de pessoas morreram pelas mãos do clã, a própria polícia foi investigada por colaborar e participar com a KKK em diversas chacinas. Quem fazia a justiça eram eles, eram os que condenavam, mas também eram os que absolviam, eles detinham o poder²⁴.

Mas houve uma reviravolta em 1965 quando eles assassinaram Viola Liuzzo uma mulher comum que defendia os direitos civis²⁵. Logo que o assassinato foi resolvido o presidente em comando Lyndon Johnson aprovou algumas leis que garantiam a segurança das pessoas negras quando exercessem seus direitos como cidadãos, através do voto, e a outra lei para assegurar que o direito a liberdade dos negros fosse respaldado²⁶. Terminando assim, a terceira fase deste grupo.

2.4 Quarta Fase da KKK -1970 aos dias atuais

Após a década de 1970 haviam pouquíssimos membros do klan, uma nova época estava chegando. O novo líder David Duke de Louisiana era o novo Grã Mago, era completamente diferente de outros líderes, era um líder carismático, trouxe uma nova imagem para o grupo, ele veio para modificar, para inovar, como se fosse um relações públicas para o clã. Em seus discursos dizia que “*não odiava o negro, mas amava o branco*”²⁷. Mas em 1978 ele saiu do Klan.

Na década de 80 a clã foi condenada pelas suas atitudes, mas eles não foram impedidos de continuar ativamente com o grupo, pois, segundo a constituição Americana todos tem o direito de expressar segundo as suas ideologias.²⁸

Em 2001 muitos casos com mais de 40 anos atrás foram resolvidos. Em 2008 com o novo Presidente eleito, o primeiro homem negro na história dos Estados Unidos Barack Obama, reavivou no grupo KKK o ódio pelos negros, pelos imigrantes e judeus. Nos Estados Unidos ainda não mudou a questão sobre o racismo, mas muitas pessoas estão conscientes. A kkk atualmente tem cerca de 6000 membros. E diversos outros grupos, com nomes diferentes, mas com a mesma cosmovisão política dos KKK.

²⁴ **La historia del Ku Klux Klan: Segunda Parte 2/2: El resurgir.** [S.l.] TV Deutsche Welle.

²⁵ Britt, D. **A white mother went to alabama to fight for civil rights. The klan killed her for it.** The Washington Post. 2017.

²⁶ *Ibidem.*

²⁷ *Ibidem.* 38min:13seg.

²⁸ Share America. **Liberdade de expressão: proteger a voz dos cidadãos promove as sociedades.** Disponível em: <<https://share.america.gov/pt-br/liberdade-de-expressao-proteger-a-voz-dos-cidadaos-promove-as-sociedades/>>

3. Resumo do Livro: Infiltrado na Klan, autor Ron Stallworth lançado em 2018

Personagens:

Ron Stallworth- detective que investigou sobre a KKK (ele era um homem negro)

Wilkens- Presidentes da regional do KKK em Colorado

Chuck- detetive, homem de cor branca que se passou por Stallworth

Ken- Líder de um dos grupos KKK em Colorado

David Duke- Líder da KKK nacional

Baseado em fatos reais o livro tem como protagonista Ron Stallworth um recém cadete admitido na força policial de Colorado Springs, a historia é retratada no ano de 1978. Sendo ele o primeiro detetive negro a ser aceito no departamento de polícia. Um certo dia folheando o jornal local ele viu um anúncio que o surpreendeu do grupo Ku Klux Klan. Dando início a investigação que adentrou em um dos grupos de terrorismo doméstico mais reconhecidos dos Estados Unidos.

Ele trabalhava diariamente observando notícias no jornal para ver se haveria algum indício de atividade ilícita ocorrendo como prostituição, drogas entre outras ocorrências. Sua entrada no grupo foi por acaso apenas por curiosidade em saber o motivo da publicação nos classificados, se de fato era real que um grupo subversivo publicasse acerca de suas atividades.

Ele começou trocando correspondências com os líderes do KKK, utilizando seu próprio nome, mas com o avançar das investigações ele precisou participar ativamente de forma presencial, como ele era um homem negro, ele teve ajuda de outro policial –homem branco - para enganar a KKK, nos encontros presenciais dissimulando assim, quem ele era de fato.

Como integrante ativo ele pode ver como era a estrutura do grupo, qual era a mentalidade e o espírito do grupo e como eles atuavam. Foi uma investigação que ajudou a policia a entendê-los. E a agirem antes que eles executassem algo mais violento.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O indivíduo ele não existe por si mesmo segundo a teoria grupalística, antes dele ser, ele é através do outro. Ele é um ser coletivo que precisa do outro para ser²⁹. O indivíduo é criação de suas relações, formando o seu primeiro vínculo com a sua família e ampliando para

²⁹ AVILA, L. A. **O Eu é plural: grupos: a perspectiva psicanalítica**. São Paulo: Vínculo, 2009. v. 6, n. 1, p. 39-52.

a escola, esses sistemas vinculares vão crescendo juntamente com o sujeito, ele é parte do meio em que vive. Ele aprende e cresce na relação com o outro, quando existe reciprocidade nesse convívio ele expande o seu social e o seu mundo cultural³⁰.

“Quando estou diante do espelho, descubro que sou EU e sou o outro. Encontro algo da minha natureza e presença. Encontro em mim o outro em todos os planos e dimensões. O que me é próprio existe, e é reconfortante, mas o que me é mais essencialmente próprio, aquilo que de fato me constitui, isso é a Relação”³¹

Quando há partilha nas relações é compartilhado significados, aspectos culturais, experiências pessoais e outras coisas que se refere à natureza humana, isso são fatores agregadores em uma relação de convívio dando-se de forma ascendente, isso são processos de construção do sujeito e do grupo³².

O grupo, segundo o teórico Kurt Lewin é como um ‘campo de forças’ que pode ter duas diferentes formas o que o impele para que o participante permaneça no grupo e o que o afasta do campo grupal, relatando que dentro do grupo o principal componente para os fenômenos de grupos é a interdependência³³.

Muitas vezes acreditamos que o que fazemos, pensamos ou escolhemos são autorais, mas na verdade são baseadas nas relações que são internalizadas em nós “*Aquilo que eu chamo de ‘minha história pessoal’ é a minha versão do modo como participei de uma realidade compartilhada, intersubjetiva*”.³⁴ As teorias grupalísticas são sobre vínculos humanos segundo Pichon Rivière, mas também é sobre ‘o humano’, ele é e faz parte do grupo

“Um grupo é um conjunto restrito de pessoas que, ligadas por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, se propõem de forma explícita ou implícita à realização de uma tarefa que constitui sua finalidade, interagindo para isso através de complexos mecanismos de adjudicação e assunção de papéis”³⁵

Para Pichón segundo Osório (1986) os processos de interação grupal são³⁶:

- A. Afiliação e pertença: se estuda o grau de identificação dos membros do grupo entre si e com a tarefa. Afiliação é um primeiro grau, mais superficial, de identificação. Relação de "eu-eles". A pertença é um segundo grau, mais profundo. Relação de

³⁰ BEATRIZ, A.B., BASTOS, I. **A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon.** Psicol inf. [online]. 2010, vol.14, n.14, pp. 160-169. ISSN 1415-8809.

³¹ AVILA, L. A. **O Eu é plural: grupos: a perspectiva psicanalítica.** São Paulo: Vínculo, 2009. v. 6, n. 1, p.52.

³² *Ibidem.*

³³ PASQUALINI, J.C., MARTINS, F.R. e FILHO, A. E. **A “Dinâmica de Grupo” de Kurt Lewin: proposições, contexto e crítica.** Revista Estudos de Psicologia, 2021.

³⁴ AVILA, L. A. **O Eu é plural: grupos: a perspectiva psicanalítica.** São Paulo: Vínculo, 2009. (p. 50).

³⁵ FABRIS, F. Anoção de tarefa, pré-tarefa e trabalho na teoria de E. Pichon-Rivière. São Paulo: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2014.

³⁶ OSÓRIO, L.C. **Grupoterapia hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas: 1986.

"nós". - O grau de identificação com a tarefa se mede pelo grau de responsabilidade, porém não é algo imutável.

- B. Cooperação: capacidade de ajudar-se entre si e ao terapeuta. Dá-se através do desempenho de papéis diferenciados. - É medida pelo grau de eficácia real da contribuição dos membros.
- C. Pertinência: Capacidade de centrar-se na tarefa; "curar-se". É o que permite manter no seu eixo o sentido verdadeiro do processo "corretivo".
- D. Comunicação: vertente demonstrativa para detectar perturbações nos vínculos entre os membros. Diferentes formas nas quais se relacionam entre si: - Líder: um por todos. - Bode expiatório: todos por um. - Subgrupos: dois ou mais entre si, excluindo os demais. - Caos: todos ao mesmo tempo e sem escutarem-se. - Ordem, boa comunicação: todos com todos, respeito e escuta.

É importante para a compreensão da dinâmica do grupo investigar como se comunicam seus membros o modelo de Kesselman (In Osório,1986) divide a comunicação de grupos em cinco níveis, usando os termos das fases da libido³⁷:

- A. Nível oral: nível mais regressivo; queixa e reprovação constantes. Desejos de moldar o outro, o sujeito pensa que o outro não muda nada - não porque não pode, mas porque não quer. Predomina, então, a ansiedade paranóide persecutória. Não toleram a ambivalência, não existe medo da perda. Nível narcisista.
- B. Nível anal: é menos regressivo; caracteriza-se por períodos ou ciclos onde se alternam a expulsão e a retenção - explosões e ataques violentos seguidos de arrependimento, autoacusação e tentativa de reparar o dano causado. Existe o medo da perda, culpa: ansiedade depressiva.
- C. Nível genital: mais evoluído e maduro; desejo de proteger o outro da destruição ou de reparação. Existe responsabilização. Possibilidade de um se colocar no lugar do outro. É o mais difícil de se alcançar.
- D. Aprendizagem: Relacionamos esse vetor com o critério de adaptação ativa à realidade, modificadora tanto do sujeito como do meio, num processo de interação dinâmica. Capacidade do grupo e de cada integrante em desenvolver condutas alternativas diante dos obstáculos.
- E. Tele: Coisa de "pele". Termo criado por Moreno, significa disposição positiva ou negativa para atuar com mais ou menos com um dos membros do que com os outros.

³⁷ *Ibidem*, 1986.

Todo encontro é um reencontro. Uma tele negativa pode perturbar muito a tarefa do grupo.

Na teoria Pichoniana cada membro exerce uma função durante a tarefa assumindo papéis que não são fixos, mas dinâmicos. Os principais papéis que Pichon se refere é³⁸:

- A. O de coordenador e líder
- B. O de bode expiatório
- C. Porta-voz

Wilfred Bion foi um dos grandes colaboradores para a teoria grupalística a sua experiência de vida deu um toque único em sua teoria, por participar da 1ª Guerra Mundial ele vivenciou muitas coisas que o ajudaram a corroborar para entender como funcionam os grupos, ele teve como um dos seus principais referenciais teórico Freud. Ele criou a teoria dos pressupostos básicos para entender os fenômenos que ocorrem e qual seria a valência que fazem com que os membros identifiquem-se em um determinado padrão comportamental.³⁹

“Para Bion, o grupo não começa no seu início – ou seja, no momento em que se reúne. A interpretação, essa sim, começa com o encontro de um grupo de indivíduos. O grupo é, no limite, apenas o lugar onde é mais fácil ler o indivíduo, onde se pode observar aquilo que só o comportamento do grupo permite observar, ou seja, fenômenos que parecem estranhos a um observador pouco acostumado a usar o grupo. O grupo é, pois, pré-existente a si próprio e continua depois de o grupo acabar. Neste ponto, Bion está completamente de acordo com Freud (1921) refere: não faz sentido distinguir a psicologia individual da psicologia grupal, porque não há indivíduo que não esteja em grupo, mesmo que não esteja lá ou se comporte como se não estivesse (Bion 1994: 131 IN Pracana, 2002 pg.71)”⁴⁰.

Nos fundamentos Bioniano o grupo pode ser distinguido em: “grupos de trabalho ou grupo refinado e os grupos de base, ou mentalidade grupal ou ainda grupos de pressupostos básicos”⁴¹, os pressupostos básicos de Bion, ou padrão comportamental são divididos em três⁴²:

³⁸ FABRIS, F. **A noção de tarefa, pré-tarefa e trabalho na teoria de E. Pichon-Riviére**. São Paulo: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2014.

³⁹ PRACANA, C. **Alemanha de Hitler: O Nazismo como Fenômeno Grupal. Uma Perspectiva Bioniana**. *Revista Interações Sociedade E As Novas Modernidades* (online.), 2002. Disponível em: <<https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/50>>.

⁴⁰ PRACANA, C. **Alemanha de Hitler: O Nazismo como Fenômeno Grupal. Uma Perspectiva Bioniana**. *Revista Interações Sociedade E As Novas Modernidades* (online.), 2002.

⁴¹ SAMPAIO, J. R. **A “dinâmica de grupos” de Bion e as organizações de Trabalho**. Belo Horizonte: Psicologia USP, 2002, p.280.

⁴² *Ibidem*, 2002.

1. Dependência- um líder que atuasse como o salvador que resguardasse seus membros de um inimigo externo, podendo ser esse objeto de desejo uma “pessoa, uma ideia ou história do grupo”⁴³.
2. Acasalamento- a concentração dos participantes do grupo volta para eventos futuros, de que algo melhor está por vir, podendo ser uma pessoa ou uma ideia que suprirá as necessidades grupais. Bion se refere a “experiência messiânica” ao fato de que a carência alimentada será preenchida pelo seu ‘salvador’.
3. Luta-Fuga- Os membros do grupo vivem sempre a espera de que algo os ataque, existe um inimigo interno (fantasia inconsciente) e externo (pessoas, ideais...).

Bion pontua sobre o espírito de grupo que é importante para uma coerência grupal onde todos os colaboradores se ajudam de acordo com suas capacidades⁴⁴. Alguns fatos que são importantes ao analisar o espírito de grupo são: 1- é fundamental haver um propósito em comum que unifique seus participantes e faça dele uma unidade grupal, 2- cada participante sabe seu limite e seu posicionamento no grupo, 3- existem grupos e subgrupos dentro de um mesmo grupo, cada membro é valorizado pelas prestações de serviços⁴⁵.

O vigente trabalho visou entender o grupo KKK de acordo com as teorias grupalísticas de Freud, Kurt Lewin, Pichon e Bion.

5. OBJETIVOS

5.1. Objetivo geral

Refletir o funcionamento do grupo neonazista KU KLUX KLAN (KKK) relatado no livro ‘Infiltrado na Klan’ de Stallworth (2018), a partir das teorias grupalísticas.

5.2. Objetivos Específicos

1. Conhecer a origem e objetivos do grupo KKK;
2. Analisar os padrões comportamentais;
3. Identificar fenômenos grupalísticos no funcionamento e estrutura da KKK.

⁴³ *Ibidem*, 2002, p.284.

⁴⁴ SAMPAIO, J. R. A “dinâmica de grupos” de Bion e as organizações de Trabalho. Belo Horizonte: Psicologia USP, 2002.

⁴⁵ *Ibidem*, 2002..

6. METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho reflexivo/discursivo que utilizou as teorias grupais para refletir sobre a criação e funcionamento do grupo neonazista KKK. Para tanto nomeou como obra principal o livro de investigação policial de autoria do Ron Stallworth, publicado em 2018 que relata a biografia deste grupo dos Estados Unidos da América (EUA). E Trabalhou-se com a seguinte pergunta norteadora: Seriam as teorias grupais uma ferramenta adequada para compreender o funcionamento e a estrutura do grupo neonazista denominados de KU KLUX KLAN (KKK)?

7. DISCUSSÃO

Seria a teoria dos grupos uma ferramenta para refletirmos sobre o grupo de terroristas domésticos que existe nos Estados Unidos denominado de Ku Klux Klan? Este grupo era visto como um grupo acolhedor para os seus membros. Um grupo no qual as famílias da época confraternizavam com seus amigos, existindo significativos laços de convívio “[...]estamos organizando um “Natal Branco” para famílias brancas carentes. Nada de crioulos — disse Ken. [...] realmente confiavam uns nos outros e confraternizavam após as reuniões”⁴⁶. Porém, desde sua criação tinham o claro propósito, de manter a hegemonia sobre os negros e uma raça ariana pura e intocada.

Sendo o coletivo grupal diferente da soma individual que consiste o grupo⁴⁷. Analisa-se o grupo KKK pois ele, o grupo, é o reflexo da fantasia do inconsciente de cada sujeito, sendo o coletivo Ku Klux Klan maior que as partes individuais do sujeito. Ao invés de refletirmos sobre o indivíduo membro da KKK (“Klansmen”) foi analisado o grupo KKK,

Em meados da segunda fase do grupo⁴⁸ o KKK cresceu de forma substancial e precisava de uma transformação interna, e por isso, foi sistematizado no que diz respeito à estrutura organizacional. Foi criado um manual de práticas que contém as leis da KKK,

⁴⁶ STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan**. 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p.06 e 38.

⁴⁷ CASTANHO, P. **Uma Introdução aos Grupos Operativos: Teoria e Técnica**. Vínculo: São Paulo, v. 9, n. 1, p. 47-60, jun. 2012.

⁴⁸ **Ku Klux Klan: Una Historia Americana. Primera Parte 1/2: El Nacimiento Del Imperio Invisible**. [S.L.] Tv Deutsche Welle.

ordens específicas, os rituais, as funções dentro da Klan e como se deve proceder em cada reunião.

Stallworth (2018) relata sobre o ambiente organizacional da Klan que *“Havia sete pessoas presentes na casa de Ken, [...] Uma delas era Joe Stewart, que provaria ser um membro essencial da divisão da Klan. Ele foi apresentado a Chuck como o “segundo em comando” de Ken. “Tim” foi apresentado como o tesoureiro da Klan e “Bob”, como o “Nighthawk” (guarda-costas). Essa foi a primeira revelação completa da estrutura de liderança da divisão da Klan⁴⁹”*. Pode-se entender que a dinâmica grupal é um reflexo sobre a liderança que a compõe, o clima grupal diz respeito às mudanças sociais que ocorrem dentro do grupo⁵⁰.

Em cada grupo existe algo que una e que diferencie dos demais, cada um tem as suas próprias características⁵¹. Pode-se entender aquele ambiente organizacional com os ensinamentos de Pichon-Rivière quando fala a respeito do conceito de porta voz que se faz importante para entendermos acerca da representatividade grupalística : *“não se refere apenas a voz, algo que é comunicado oralmente, mas a tudo o que ocorre a um determinado elemento do grupo que nos remete ao conjunto no qual está inserido, ou seja, toda forma de conduta[...], inclusive adoecimento”⁵²*. A conduta pode ser a linguagem, o comportamento e específicas ações que ocorrem dentro do grupo.

Quando Stallworth fez o seu primeiro contato com o KKK via telefone, ele tinha conhecimento sobre como se comunicar para ser identificado como apoiador da causa e o líder quando o ouviu soube distinguir a partir dos signos de linguagens específicos que eram utilizados pelos seus membros, os Klansmen. Identificando ‘um suposto homem branco que apoiava o KKK’,

Stallworth fala: “Bom, eu odeio crioulos, judeus, mexicanos, cucarachas, chinas e qualquer outra pessoa que não tenha sangue ariano branco puro em sua veias, [...] quero me juntar à Klan para poder impedir futuros ultrajes à raça branca [...]. David Duke (líder do KKK) Sei que você é um homem branco puro e ariano pela maneira como fala, pelo modo como pronuncia certas palavras e letras”⁵³.

⁴⁹ STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan**. 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p. 55.

⁵⁰ PASQUALINI, J.C., MARTINS, F.R. e FILHO, A. E. **A “Dinâmica de Grupo” de Kurt Lewin: proposições, contexto e crítica**. Revista Estudos de Psicologia, 2021.

⁵¹ CASTANHO, P. **Uma Introdução aos Grupos Operativos: Teoria e Técnica**. Vínculo: São Paulo , v. 9, n. 1, p. 47-60, jun. 2012 .

⁵² CASTANHO, P. **Uma Introdução aos Grupos Operativos: Teoria e Técnica**. Vínculo: São Paulo , v. 9, n. 1, p. 47-60, jun. 2012, p.52.

⁵³ STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan**. 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p.06 e 83.

A teoria Lewiniana discorre como é perceptível a mudança social de indivíduos estando em grupo do que desassociado do grupo.⁵⁴ Pode-se observar nos relatos do livro de Stallworth (2018) que dentro da própria Klan eram formados subgrupos internos, além do grande grupo. Cada filiado tem o seu próprio registro, o seu próprio cartão de filiação tudo da KKK era registrado e pautado “[...] seu cartão de membro, ele teria duas letras — CO — que representavam o Colorado, seguidas por uma série de números. Os dois primeiros números correspondiam ao ano e os números restantes representavam a filiação no estado⁵⁵”. Eram pessoas que, de acordo com Butch, ‘realmente confiavam umas nas outras e confraternizavam após as reuniões’⁵⁶.

Todas as reuniões tinham pautas a serem seguidas, tinham objetivos específicos a serem cumpridos como relata Stallworth (2018) “Ken explicou que a reunião possuía quatro pontos para discussão: 1- A possível ação judicial contra o jornal Gazette Telegraph, 2- A introdução da KKK na Penitenciária Estadual do Colorado, 3- O recrutamento de novos membros, 4- A eleição de um novo organizador local”⁵⁷.

Na década de 1970 o líder do grupo era David Duke um homem inteligente, instruído, sendo mestre na faculdade. Ele veio como um líder sedutor para inovar a concepção da Klan de um grupo retrógrado para um grupo defensor dos direitos dos brancos, os ideais do grupo precisavam atingir o povo e para isso era necessário uma mudança de imagem, uma modernização. Ele não fazia discursos de ódio, mas defendia a sua cosmovisão sobre segregação racial, ele convencia as massas apenas com as suas qualificações de ‘homem bom’⁵⁸.

Pasqualini (2021) citando Lewin sobre liderança grupal, refere que o líder do grupo é tão importante quanto seus membros ele mobiliza e motiva seus membros a possuir seu objeto de interesse, ou garantir que seus membros continuem na mesma frequência de mentalidade adoecida⁵⁹. Já para Bion citado por Pracana (2002) o líder grupal no pressuposto básico de dependência tende a se certificar de que os seus seguidores serão salvos, pelo seu líder, do

⁵⁴ PASQUALINI, J.C., MARTINS, F.R. e FILHO, A. E. A “Dinâmica de Grupo” de Kurt Lewin: **proposições, contexto e crítica**. Revista Estudos de Psicologia, 2021.

⁵⁵ STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan**. 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p.38

⁵⁶ STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan**. 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p.38.

⁵⁷ *Ibidem*, 2018, p.55.

⁵⁸ STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan**. 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018.

⁵⁹ PASQUALINI, J.C., MARTINS, F.R. e FILHO, A. E. A “Dinâmica de Grupo” de Kurt Lewin: **proposições, contexto e crítica**. Revista Estudos de Psicologia, 2021.

inimigo exterior⁶⁰ de quem eles são atormentados. Provavelmente, ter uma carteira de identidade do grupo, trazia um sentimento de pertença de que cada um seria protegido pelo seu líder e reconhecido pelos seus iguais.

Stallworth (2018)⁶¹ relata que este grupo, a Klan, sempre foi contrária aos avanços de pensamentos igualitários no seu país, e às leis que estavam em vigor em prol da cidadania negra “os ‘crioulos’ tinham se organizado bem politicamente, e que nós precisávamos fazer o mesmo para proteger o que tínhamos[...]”⁶². Há cada reação de vitória por parte das minorias e da população negra motivada pelo crescimento dos seus direitos civis, concomitantemente crescia a Klan. Ganhavam forças e adeptos, gerando um processo de valência - conceito Bioniano que refere maior ou menor capacidade de cada indivíduo dentro do grupo para participar da mentalidade grupal⁶³ pois, influenciavam pessoas, massas da população, a seguirem a ideia de que “existia algo para lutar contra”. É como se fosse um instinto gregário coagindo os integrantes a participarem do que era proposto⁶⁴.

O Klan tem a esperança de que algum dia os seus tempos de glória de outrora sejam restaurados. Eles esperam que as suas necessidades sejam supridas através do grupo, há um sentimento de esperança que Bion chama de ‘esperança messiânica’ o segundo pressuposto da tese de Bion chamado de ‘acasalamento’ podendo assumir através de uma ideia ou de uma pessoa⁶⁵. Havia uma esperança de que eles comandassem novamente, como refere Stallworth (2018) “grande parte da Klan de meio século antes estava sendo, ou tentando ser, revivida pela geração de membros da Klan da minha época”⁶⁶.

No grupo KKK há uma linha do tempo viciosa de violência seguindo os mesmos rituais, contra os mesmos ‘inimigos’ vemos que a violência é perpassada por gerações ela faz parte do imaginário coletivo da época de que os negros são seres indignos de respeito e de que são considerados como sub-humanos⁶⁷. Após 150 anos a ideia continua a mesma, mostrando

⁶⁰ PRACANA, C. **Alemanha de Hitler: O Nazismo como Fenómeno Grupal. Uma Perspectiva Bioniana.** *Revista Interações Sociedade E As Novas Modernidades* (online.), 2002.

⁶¹ *Ibidem*, 2018.

⁶² *Ibidem*, 2018, p.48.

⁶³ PRACANA, C. **Alemanha de Hitler: O Nazismo como Fenómeno Grupal. Uma Perspectiva Bioniana.** *Revista Interações Sociedade E As Novas Modernidades* (online.), 2002.

⁶⁴ AMADO, G. **Os processos psíquicos no interior dos grupos de trabalho: para além de Bion e Pichon-Rivière.** São Paulo: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2014.

⁶⁵ SAMPAIO, J. R. A “dinâmica de grupos” de Bion e as organizações de Trabalho. Belo Horizonte: Psicologia USP, 2002.

⁶⁶ STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan.** 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p.80

⁶⁷ -. **Ku Klux Klan: Una Historia Americana. Primera Parte 1/2: El Nacimiento Del Imperio Invisible.** [S.l.] TV Deutsche Welle. 1 vídeo (55min:04seg). Publicado pelo canal: Antonio Calero.

que o sujeito é fruto de suas relações. Corroborando com Ávila (2009) “... *eu internalizo eu e o outro dentro de mim, ou seja, internalizo tanto o outro como a minha relação com o outro. Essa internalização faz com que, do ponto de vista psíquico, objetos internos do outro vivam também em mim*”⁶⁸.

Para Pichon Rivière (In Amado, 2014) a tarefa é o caminho para o cumprimento dos objetivos⁶⁹, ele discorre em sua teoria que há uma ‘resistência a mudança’ que geram duas ansiedades que são basilares no momento da aprendizagem e comunicação “*A primeira é “o medo da perda” das estruturas existentes (em relação com a ansiedade depressiva); a segunda é “o medo de ser atacado” (ansiedade paranoide)*”⁷⁰. No livro e no próprio passado da clã é retratado essas duas ansiedades que são recorrentes quando observamos o padrão de comportamento grupal da Ku Klux Klan.

Segundo Pracana (2002), pode-se entender que a KKK é um grupo esquizoparanóide que flutua entre a estrutura depressiva e também entre o terceiro pressuposto básico de luta-fuga que faz parte da teoria de Bion⁷¹. Identifica-se nos relatos do livro Stallworth (2018) que para o grupo KKK existe um adversário que quer tomar tudo o que lhes pertence e por medo de ser atacado eles vão a luta e projetam no outro suas fantasias inconscientes, gerando uma ansiedade persecutória fazendo com que eles revidem primeiro visando proteger o que o grupo considera primordial (a supremacia branca) “[...] *ao assunto da violência, Ken alegou que não era contra represálias violentas e/ou físicas em relação aos inimigos da Klan, desde que o nome da Organização não estivesse associado a tais atos*”⁷².

Para Bion no conceito de luta-fuga em relação a KKK há sempre um inimigo externo (negros, judeus e minorias raciais) e interno (pressuposto básico de luta e fuga), há sempre algo a ser temido e algo pelo qual lutar “*Acorde, homem branco! O homem negro quer a sua mulher e o seu emprego. O judeu quer o seu dinheiro*”⁷³.

Esse fenômeno grupal KKK conserva a ideia de manutenção de uma raça pura, os miscigenados são os adversários, essa ideia sólida de que existe um antagonista demonstra a

⁶⁸ AVILA, L. A. **O Eu é plural: grupos: a perspectiva psicanalítica**. São Paulo: Vínculo, 2009. v. 6, n. 1, p. 44.

⁶⁹ FABRIS, F. **A noção de tarefa, pré-tarefa e trabalho na teoria de E. Pichon-Rivière**. São Paulo: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2014.

⁷⁰ AMADO, G. **Os processos psíquicos no interior dos grupos de trabalho: para além de Bion e Pichon-Rivière**. São Paulo: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2014. P.102.

⁷¹ SAMPAIO, J. R. A “**dinâmica de grupos**” de Bion e as organizações de Trabalho. Belo Horizonte: Psicologia USP, 2002.

⁷² STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan**. 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p.70.

⁷³ *Ibidem*, p.41.

mentalidade grupal da qual Bion refere-se como sendo a exteriorização da completa concordância dentro do grupo⁷⁴ sendo uma fantasia, algo do inconsciente que é o inimigo interno, manifestado em pessoas aos quais eles subjagam como desprezíveis, o inimigo externo⁷⁵. Como mostra no livro em um trecho que o líder nacional da época David Duke discursa:

“‘Eu não estou pregando a supremacia branca’, embora tenha dito que acreditava firmemente que os brancos são superiores aos negros e outras minorias. ‘Eu estou pregando o separatismo branco. Gostaria de ver todos os negros voltarem para a África, que é o lugar a que pertencem, mas eu estaria disposto a dar a eles parte deste país — alguns estados, talvez — contanto que tivessem uma sociedade separada.’”⁷⁶.

Segundo o autor Bion citado por Sampaio (2002) a mentalidade grupal exerce influência no comportamento de seus membros e possui dois lados: um é voltado para a realização de seus objetivos “*Wilkins explicou: ‘O cerne do plano da Klan gira em torno da atividade política’. O objetivo era fazer com que os membros da Klan fossem eleitos para cargos políticos em todos os níveis de administração em todo o Colorado [...]O importante é ter o tipo certo de pensamento no governo.*”⁷⁷.

A Klan sempre fez alusão de quem detém o poder é quem faz as leis. A KKK estando no comando pode gozar do poder de criar ou revogar leis e estatutos, sendo também a principal forma de conseguir mais adeptos ao trazer visibilidade a sua ideologia. Podemos ver isso claramente nas eleições para Presidente em 2017 a KKK apoiou o candidato Donald Trump por comungar da mesma filosofia sendo o suporte a sua candidatura uma retaliação ao ex presidente Barack Obama, e foi comentado em vários artigos de jornais sobre esse tema⁷⁸.

E o outro tipo de comportamento faz alusão aos impulsos dos membros do grupo “[...] *Ken queria organizar um grupo para ir a El Paso para uma ‘guarda de fronteira’. Isso significaria vigiar a fronteira em seus carros e caminhões com rifles com mira e atirar em qualquer um que vissem tentando atravessar o Rio Grande*”⁷⁹.

⁷⁴ AMADO, G. **Os processos psíquicos no interior dos grupos de trabalho: para além de Bion e Pichon-Rivière**. São Paulo: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2014.

⁷⁵ PRACANA, C. **Alemanha de Hitler: O Nazismo como Fenômeno Grupal. Uma Perspectiva Bioniana**. *Revista Interações Sociedade E As Novas Modernidades* (online.), 2002.

⁷⁶ STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan**. 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p.40.

⁷⁷ STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan**. 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p.48.

⁷⁸ Artigos de Internet sobre a KKK aludindo apoiar a Klan:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/19/internacional/1503174397_882413.html>

<<https://www.dw.com/pt-br/1%C3%ADder-da-ku-klux-klan-apoia-trump-abertamente-em-entrevista-%C3%A0-emissora-norueguesa-notv2/video-37167750>>

⁷⁹ *Ibidem*, p. 57.

Os membros do KKK buscam satisfazer seus impulsos no grupo ao direcioná-los para a concretização de fato incitando e projetando seus instintos mais basilares através da violência e de dominação ao outro⁸⁰.

Segundo Bion, o grupo é uno, estando em uma só frequência mental. Os participantes da KKK deixam-se levar segundo suas emoções deixando de lado o juízo crítico⁸¹ como vemos no livro e na história “[...] *organizador local da Klan e seus planos declarados de queimar cruzeiros para anunciar sua presença aos moradores da cidade. A Klan desejava perpetrar um ato histórico de terrorismo doméstico...*”⁸².

Todos os membros do grupo concordavam com esses atos de terror, nenhum se opunha, pois era uma forma de demonstrar quem estava no controle. A agressividade embora expressa no indivíduo, manifestou-se como “*fenômeno interacional, produto do contexto, ato superdeterminado pela história do seu autor e dos co-participantes. Grupo e indivíduo são, então, fenômenos imbricados*”⁸³. A violência é tão intrínseca por parte dos Klansmen que não consegue ser isolada individualmente ela é vista de maneira coletiva, a violência na KKK é algo intrínseco e faz parte da sua história e de seu contexto diário, por gerações.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre o funcionamento do grupo neonazista KU KLUX KLAN (KKK) relatado no livro ‘Infiltrado na Klan’, a partir das teorias grupais procurando responder a pergunta norteadora: seriam as teorias grupais uma ferramenta adequada para compreender o funcionamento e a estrutura do grupo neonazista denominados de KU KLUX KLAN (KKK)?

Pode-se concluir que sim, as teorias grupais aqui apresentadas ofereceram o amparo teórico para explicar alguns fenômenos relatados no livro de Stallworth (2018) e que os indivíduos contribuem anonimamente para produzir o grupo e que o grupo tem experiências emocionais através do indivíduo. A realidade do indivíduo é grupal e o que é grupal é gerado pelos indivíduos em suas inter-relações. Em um grupo existem indivíduos

⁸⁰ PRACANA, C. **Alemanha de Hitler: O Nazismo como Fenômeno Grupal. Uma Perspectiva Bioniana.** Revista Interações Sociedade E As Novas Modernidades (online.), 2002.

⁸¹ POLLARA, A.C.S. **A cadeira vazia no grupo.** São Paulo: Jornal de Psicanálise, 2015.

⁸² STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan.** 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p.29.

⁸³ AVILA, L. A. **O Eu é plural: grupos: a perspectiva psicanalítica.** São Paulo: Vínculo, 2009, p.50.

com as suas mentes, emoções e capacidades, mas a partir do momento que estão em grupo passam a ter experiências que os coletiviza.

Neste estudo construiu-se uma ação reflexiva/discursiva sobre as teorias grupalísticas pertinentes a estrutura e funcionamento do grupo KKK, portanto, não está isento de limitações. Neste sentido, entende-se que novos trabalhos seriam igualmente pertinentes, tais como o desenvolvimento de pesquisas sobre grupos diversos, seus funcionamentos, fenômenos e estruturação, para que pudéssemos ampliar a compreensão e quem sabe oferecer subsídios para as autoridades intervirem rapidamente, e impedir o funcionamento de grupos que promovam o sofrimento humano, como a KKK promoveu.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_. **La historia del Ku Klux Klan: Segunda Parte 2/2: El resurgir.** [S.l.] TV Deutsche Welle. 1 vídeo (57min:02seg). Publicado pelo: Machineto. Disponível em: <https://www.documaniatv.com/historia/la-historia-del-ku-klux-klan-2-el-resurgir-video_7805241cd.html>. Acesso em: 30 set. 2021.

_. **Líder da Ku Klux Klan fala sobre apoio a Trump nas eleições.** TV Deutsche Welle, 2017. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1%C3%ADder-da-ku-klux-klan-apoia-trump-abertamente-em-entrevista-%C3%A0->> Acesso em: 16 de Jun. 2022.

_. **Ku Klux Klan.** History. A&E Television Networks, 2009. Disponível em: <<https://www.history.com/topics/reconstruction/ku-klux-klan>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

_. **Ku Klux Klan, Background.** SPLC (Southern Poverty Law Center), c2021. Disponível em: <<https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/ideology/ku-klux-klan>>. Acesso em: 15 out. 2021.

_. **Ku Klux Klan: Una Historia Americana. Primera Parte 1/2: El Nacimiento Del Imperio Invisible.** [S.l.] TV Deutsche Welle. 1 vídeo (55min:04seg). Publicado pelo canal: Antonio Calero. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=0zkZFgVgIoI&t=355s> >. Acesso em: 20 set. 2021.

AMADO, G. **Os processos psíquicos no interior dos grupos de trabalho: para além de Bion e Pichon-Rivière.** São Paulo: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2014. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v17nspe/a11v17nspe.pdf> >. Acesso em: 01 de Jun de 2022.

AVILA, L. A. **O Eu é plural: grupos: a perspectiva psicanalítica.** São Paulo: Vínculo, 2009. v. 6, n. 1, p. 39-52. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902009000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 de nov. de 2021.

BEATRIZ, A.B., BASTOS, I. **A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon.** Psicol inf. [online]. 2010, vol.14, n.14, pp. 160-169. ISSN 1415-8809. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010>. Acesso em: 30 de maio 2022.

BRITT, D. **A white mother went to alabama to fight for civil rights. The klan killed her for it.** The Washigton Post. 2017. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/retropolis/wp/2017/12/15/a-white-mother-went-to-alabama-to-fight-for-civil-rights-the-klan-killed-her-for-it/>>. Acesso em: 2 abr. 2022.

CASTANHO, P. **Uma Introdução aos Grupos Operativos: Teoria e Técnica.** Vínculo: São Paulo , v. 9, n. 1, p. 47-60, jun. 2012 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jun. 2022.

CLÃ. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cla/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

FABRIS, F. **A noção de tarefa, pré-tarefa e trabalho na teoria de E. Pichon-Riviére**. São Paulo: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-37172014000100012>. Acesso em: 01 de jun. 2022.

FAUS, J. **DAVID DUKE, EX-LÍDER DA KU KLUX KLAN: “TRUMP NOS EMPODEROU”**. EL PAÍS: WASHINGTON, 2017. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://BRASIL.ELPAIS.COM/BRASIL/2017/08/19/INTERNACIONAL/1503174397_882413.HTML>. ACESSO EM: 16 DE JUN. 2022.

GRIFFITH, D. W. **O nascimento de uma nação**. Estados Unidos, 1915. 1 vídeo (3horas:10min). Publicado pelo canal: Museu na Web. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qaW7YaOsrAY&t=43s>>. Acesso em: 23 set. 2021.

KING, M.L. **Speech: I have a dream**. 1 video (6min: 52seg). Publicado pelo canal: Fernando Holiday. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yz0TjhINctI>>. Acesso em 1 maio 2022.

KLEFF, M. **1955: ROSA PARKS SE RECUSA A CEDER LUGAR A UM BRANCO NOS EUA**. DEUTSCHE WELLE. DISPONÍVEL EM: < <HTTPS://WWW.DW.COM/PT-BR/1955-ROSA-PARKS-SE-RECUSA-A-CEDER-LUGAR-A-UM-BRANCO-NOS-EUA/A-340929>>. ACESSO EM: 1MAIO 2022.

LIEBOWITZ, I. **The Dying Declaration of Madge Oberholtzer The key evidence in the 1925 trial Of D. C. Stephenson. My Indiana**: Irving Liebowitz. 1964 (PP. 195-203). Disponível em: <<http://law2.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/stephenson/dyingdeclaration.html>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

NAÇÃO MESTIÇA. **Lei racistas: Lei da Integridade Racial EUA, 1924**. Traduzido de Virginia Center for Digital History, 2016. Disponível em: <<https://nacaomestica.org/blog4/?p=18128#:~:text=A%20Lei%20da%20Integridade%20Racial%2C%20de%201924%2C%20do,avos%20ou%20menos%20de%20sangue%20de%20%C3%ADndio%20americano>>. Acesso em: 14 abr 2022.

PASQUALINI, J.C., MARTINS, F.R. e FILHO, A. E. **A “Dinâmica de Grupo” de Kurt Lewin:proposições, contexto e crítica**. Revista Estudos de Psicologia, 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-294X2021000200005> Acesso em: 10 de Jun. de 2022.

POLLARA, A.C.S. **A cadeira vazia no grupo**. São Paulo: Jornal de Psicanálise, 2015. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v48n88/v48n88a12.pdf>> Acesso em: 01 de Jun. 2022.

PRACANA, C. **Alemanha de Hitler: O Nazismo como Fenômeno Grupal. Uma Perspectiva Bioniana**. Revista Interações Sociedade E As Novas Modernidades (online.), 2002. Disponível em: <<https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/50>>. Acesso em: 5 ago. de 2021.

PURDY, S. **Direitos Civis e contracultura nos EUA- Cronologia**. Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas. Disponível em: <<http://antigo.anphlac.org/direitos-civis-eua-cronologia>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

SAMPAIO, J. R. A “**dinâmica de grupos**” de Bion e as **organizações de Trabalho**. Belo Horizonte: Psicologia USP, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/gTCXvtbP7WD7MmQVpv6DxRP/?lang=pt>> Acesso em: 01 de set. 2021.

SILVA, J.C.J. **A História das Políticas Migratórias dos Estados Unidos**. Texto & Debates: Boa Vista, 2013. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/1328/988>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

SIMMONS, W.J. **KLORAN**. Atlanta, Georgia: 1916. Indiana State Library. Disponível em : <<https://indianamemory.contentdm.oclc.org/digital/collection/p16066coll69/id/267>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

Share America. **Liberdade de expressão: proteger a voz dos cidadãos promove as sociedades**. Disponível em: <<https://share.america.gov/pt-br/liberdade-de-expressao-protoger-a-voz-dos-cidadaos-promove-as-sociedades/>> . Acesso em: 15 de Jun de 2022.

STALLWORTH, R. **Infiltrados na Klan**. 1ª edição. Trad. Jacqueline Damásio Valpasso. São Paulo: Seoman, 2018, p.153.

TERRY, K. “**Jesse Washington Lynching,” Waco History**. Disponível em: <<https://wacohistory.org/items/show/55>>. Acesso em: 15 Jan. 2022.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Ku Klux Klan: hate organization United States**. Reino Unido, Edimburgo: Britannica, p. 2. 4 maio 1999. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Ku-Klux-Klan>>. Acesso em: 29 set. 2021.

OSÓRIO, L.C. **Grupoterapia hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas: 1986.